

Orphée

De Philip Glass

Encenação Felipe Hirsch

Maestro Pedro Neves

Com a **Orquestra Metropolitana de Lisboa**

Uma ópera de câmara em dois atos baseada no filme de Jean Cocteau
Coprodução Centro Cultural de Belém, Theatro Municipal do Rio de Janeiro

**CCB . 27 e 29 janeiro . quinta e sábado . 19h00 . Grande
Auditório**



Princesa **Carla Caramujo**

Eurídice **Susana Gaspar**

Heurtebize **Luís Gomes**

Cégeste **Marco Alves dos Santos**

Orphée **André Baleiro**

Juiz/Comissário **Nuno Dias**

Poeta **Luís Rodrigues**

Aglaonice **Cátia Moreso**

Repórter/Glazier **João Pedro Cabral**

Bailarinos **Alice Bachy, Catarina Rina Marques, Daniela Cruz, Filipe Pereira, Gerson Sanca, Gili Goverman, Hugo Marmelada, João Oliveira, Laure Fleitz, Natacha Campos, Tiago Coelho, Sérgio Matias**

Figurinos e visagismo **Nuno Esteves Blue**

Direção de movimento **Sofia Dias e Vitor Roriz**

Design de vídeo **Henrique Martins**

Assistência de direção **Crista Alfaiate**

Fascinado pelos filmes do francês Jean Cocteau, que viu na adolescência, ainda durante os anos 50 do século passado em Paris, é já como um dos compositores mais importantes da sua geração que o norte-americano Philip Glass decide fazer uma trilogia de adaptações a partir de Cocteau. A ópera *Orphée* (1993), baseada no filme de 1949 sobre o mito de Orfeu — poeta e músico que move os céus e a terra para trazer a sua amada Eurídice de volta do mundo dos mortos — foi a primeira.

Segundo o encenador — «Philip Glass transformou a obra-prima de Jean Cocteau numa outra obra-prima. É algo incomum, mas ser incomum é uma característica de Glass.»

Felipe Hirsch diz ter feito na ópera *Orphée* um trabalho «muito centrado em Jean Cocteau», um artista múltiplo — poeta, romancista, dramaturgo, cineasta, ator, diretor de teatro e designer. Na adaptação, foram influenciados pelo trabalho de espelhos do cenógrafo checo Josef Svoboda, além dos espelhos do próprio *Orphée* de Cocteau. O espelho é outro personagem de *Orphée* e simboliza a relação com a morte e o envelhecimento. Segundo o encenador, uma profunda reflexão sobre qual o lugar da vida que cada um de nós ocupa no momento atual, nesta situação, neste contexto. É a reflexão de todos os artistas que chegam a uma certa idade, a um certo nível de reconhecimento, e que se reinventam por amor à arte.